

Pressupostos para a formação e a atuação do tradutor

Abstract: This article discusses the presuppositions for the upbringing and performance of the German-Portuguese translator in Brazil. The considerations point out some divergences in the translator's upbringing, and discussing them. The main issue of this article is considering what extent translator's upbringing should coincide or not with that one from foreign languages' students.

Keywords: translation, upbringing, presuppositions.

Resumo: Neste artigo serão discutidos os pressupostos para a formação e atuação do tradutor do alemão para o português no Brasil. As reflexões apontarão algumas divergências na formação do tradutor e as discutirá. A principal questão deste artigo é discutir até que ponto a formação do tradutor em língua estrangeira deve ou não coincidir com a formação do estudante de línguas estrangeiras.

Palavras-chave: tradução, formação, pressupostos.

Introdução

Serão discutidos neste texto alguns pressupostos julgados importantes para a formação do tradutor de alemão para português. Aqui, de forma mais específica, serão considerados o tradutor e o mercado de trabalho brasileiros.

A Tradução foi por longo tempo considerada uma parte dos Estudos Literários ou dos Estudos Lingüísticos. Apenas a partir da década de 1970, com a virada cultural dos Estudos da Tradução na Alemanha, liderada por Joseph Hans Vermeer e Katharina Reiã, e com a conseqüente intensificação das discussões a seu respeito, ela tem conquistado um espaço maior como disciplina científica. Ainda assim, a Tradução enfrenta dificuldades por ser considerada uma formação complementar. Snell-Hornby (apud Schmid, 1985, p. 376) diz:

Die Übersetzungswissenschaft ringt trotz der Fortschritte der letzten Jahrzehnte noch um ihre Identität und ihr Verhältnis zu den Nachbarwissenschaften¹.

Seria conveniente, ao se apontar alguns pressupostos para a formação do tradutor, considerar também as condições de atuação e algumas características do mercado de trabalho no qual atuará. No Brasil, a Tradução, situada na área de Letras, é muitas vezes considerada um complemento da formação e, conseqüentemente, não proporciona ao futuro profissional o instrumental de que precisa para exercer sua função, já que é restrita: não se pretende dizer que os conhecimentos adquiridos no curso de Letras não sejam necessários à formação do tradutor, mas é preciso aceitar que os níveis de exigência e conhecimento de algumas disciplinas podem variar significativamente na formação do tradutor e do professor de línguas estrangeiras. Eis aí um primeiro ponto a considerarmos antes que listemos alguns pressupostos: as discrepâncias entre a organização curricular de estudantes de Tradução e de estudantes de Letras. Schmid (1985, p. 375) diz:

Hinter der negativen Kritik steht meist die Diskrepanz zwischen den Inhalten der Ausbildung und den vielfältigen und sehr spezifischen, sich ständig wandelnden Anforderungen der Praxis².

O mercado de trabalho em que o tradutor atuará está, bem como o tradutor, condicionado a fatores políticos e sociais. Schmid (1985, p. 378) faz a seguinte consideração:

Die Möglichkeiten, den Beruf eines Übersetzers auszuüben, den Übersetzeralltag zu erleben, hängen selbstverständlich vom Bedarf ab; er steht mit der Größe und Sprache des Landes, mit seiner internationalen Bedeutung und Verflechtung, mit seiner Zugehörigkeit zu übernationalen Institutionen usw. in Beziehung; aber auch persönliche Faktoren wie Mobilität innerhalb des eigenen Landes, Bereitschaft, im Ausland zu arbeiten und sich durchzusetzen, spielen eine Rolle³.

Poderia ser polêmico afirmar que a formação do tradutor deve basear-se apenas na análise do mercado de trabalho. E seria da mesma forma polêmico dizer que o estudante de Letras – que não tem Tradução no currículo – estaria apto a traduzir. É necessário, sim, buscar um ponto de equilíbrio que permita a relação de conteúdos mínimos da formação do estudante de Letras que se forma tradutor (Estudos Lingüísticos, Estudos Literários, Estudos Clássicos etc.) com o mercado de trabalho.

Desenvolvimento

Uma das maiores dificuldades na formação de tradutores é esclarecer o quão complexo e lento pode ser o processo tradutório. Muitos

ainda acreditam que a tradução seja a mera substituição de vocábulos de uma língua X por vocábulos de uma língua Y. Embora estudantes de Letras que pretendem se formar tradutores saibam que a tradução não é apenas isto, também não sabem exatamente o que o processo de traduzir envolve. Isto, *per se*, justifica a existência de cursos específicos de Tradução.

É necessário explicar que uma tradução, muito além de tratar da transferência de códigos de uma língua X para uma língua Y, é a colocação, na língua Y, de idéias e pensamentos expressos na língua X numa determinada situação e de uma forma peculiar àquela cultura, muitas vezes tendo de recuperar a situação e as nuances culturais.

Talvez a Tradução esteja ainda dentro da área de Letras por ter como instrumento principal a linguagem e, como objetivo, a comunicação. Assim, o tradutor consegue atingir uma parte imprescindível de sua formação no curso de Letras: a capacitação em língua materna e em língua estrangeira.

Conteúdos mínimos da organização curricular do curso de Letras: Lingüística, Teoria Literária, Semântica, Estilística etc. são de grande valia para o tradutor, uma vez que lhe auxiliam na reflexão sobre a língua e, conseqüentemente, na definição de estratégias e decisões para suas futuras produções textuais. Estes conteúdos, no entanto, isolados, não formam um tradutor para o mercado de trabalho brasileiro, que lhe oferecerá desde contratos internacionais a manuais de instrução de batedeiras. Não é o tradutor quem escolhe o que vai traduzir. Para sobreviver de seu trabalho, ele traduz o que lhe vem às mãos.

Como preparar um tradutor que possa, ao fim de quatro, seis ou oito semestres, traduzir qualquer tipo de texto? Ou um curso de Tradução deveria privilegiar a tradução de textos literários apenas? Haveria trabalho para todos os tradutores? Estas perguntas, todas respondidas negativamente, mostram a necessidade de também se considerar o mercado de trabalho.

Dentre alguns pressupostos que consideramos mais importantes para a formação de tradutores, indicamos os seguintes: a) língua materna, b) língua estrangeira, c) relações entre teorias lingüísticas e tradução, d) cultura estrangeira, e) tradução de textos técnicos. Discutiremos cada um destes itens separadamente.

a) Língua materna

Denominada pela Tradução como língua de chegada (falamos sobre tradutores brasileiros), a língua materna (língua portuguesa) é de

capital importância para o tradutor. Apesar de nem sempre aparecer de forma destacada na organização curricular de cursos de Tradução, esta disciplina é uma das mais intensamente trabalhadas, pois é nela que se criam os espaços intermediários para a representação de culturas, épocas e sistemas lingüísticos distintos.

A falta de domínio da língua para a qual se traduz compromete a qualidade da tradução. O domínio de que falamos aqui não significa apenas boa ortografia, conhecimento das regras de pontuação, conhecimento de processos sintáticos de coordenação e subordinação, regras de concordância e regência verbal e nominal etc., mas ainda a capacidade de articular de formas diferentes o mesmo conteúdo, podendo traçar estratégias para escolher a que seja mais condizente com a intenção da tradução realizada. Henschelmann (apud Kapp, 1984, pp. 79-80) coloca o seguinte:

(...) Die Sprachbegabung sollte sich darüber hinaus – in einem unfassenderen Sinne – in der Muttersprache zeigen: in der Gewandtheit, Treffsicherheit und Prägnanz des Ausdrucks, im Stilempfinden, in der Fähigkeit, das eigene Sprachvermögen durch Erfahrung, Beobachtung und Nachahmung ständig zu erweitern, was wiederum ein lebendiges Interesse für die verschiedensten Ausdrucksformen (und nicht nur die dadurch vermittelten Informationen) voraussetzt. Das unbedingte Vertrautsein mit der Muttersprache ist deshalb von so grundlegender Bedeutung für das Studium, weil die Muttersprache während der Ausbildung ständig als Bezugspunkt, als Ausgangs – oder Zielsprache, fungiert und weil in der späteren Berufspraxis meistens die Übersetzung in die Muttersprache dominiert⁴.

Temos aqui um ponto comum entre a organização curricular de um curso de Letras e de um curso de Tradução. Há, no entanto, diferenças na abordagem. Um professor de língua portuguesa, por exemplo, pressupõe-se que deva saber exatamente do que trata uma oração subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio, ou ainda, de infinitivo. A formação do tradutor dispensa a nomenclatura. Basta que saiba identificar as circunstâncias de temporalidade num texto escrito na língua Y e que saiba reproduzir adequadamente na língua X esta mesma circunstância.

O domínio da língua materna e a liberdade de transitar por seus mais vastos, diversos e algumas vezes obscuros campos de significação, de forma contextualizada, é condição imprescindível para o sucesso do processo tradutório, geralmente realizado por um nativo. Raros são os tradutores que traduzem para uma língua que não seja sua língua materna.

b) Língua Estrangeira

A língua da qual se traduz, tanto quanto aquela para a qual se traduz, deve ser também dominada pelo tradutor. Todavia, o grau de domínio das línguas materna e estrangeira é distinto. Escrever numa língua e acomodar nela sentidos expressos numa outra língua e principalmente numa outra *cultura* é uma tarefa que exige do tradutor domínio de 1) conhecer a língua para a qual traduz a ponto de recriar ou recuperar nela as nuances de significado, estilo, conteúdo, forma etc. e 2) conhecer a língua da qual se traduz a ponto de perceber nela tais nuances, sem ter que, obrigatoriamente, conseguir criar nesta língua as nuances percebidas.

Recriar em língua portuguesa algo implícito no texto alemão exige que tenhamos condições de detectar no texto em alemão o “implícito” e de recriá-lo ou transportá-lo – adotando-se as medidas necessárias para sua plena significação no texto em português – para a língua portuguesa.

Os estudos devem ser aprofundados, contextualizados e jamais podem desprezar a questão cultural refletida na língua e o ambiente em que o texto foi produzido.

O aprendizado de uma língua estrangeira, cujos primeiros passos são o conhecimento de um vocabulário e de uma estrutura (formas de funcionamento) diferentes é um processo lento de construção (*Aufbauen*) de conceitos que envolve a aquisição de uma cultura diferente. A forma de pensar do *outro* deve ser, na medida do possível, apreendida neste processo. Com isto, não perdemos nossa identidade, mas somamos a ela experiências do *outro* que permitem torná-la extensa a ponto de recuperarmos, num texto escrito, aquilo que o *outro* disse e até mesmo a intenção com que disse.

A realidade geográfica e social brasileira, no entanto, permite que apenas alguns poucos se valham da experiência de conviver na comunidade onde é falada a língua estrangeira estudada. O contato com a cultura do outro, *in loco*, se não é indispensável para o processo de aquisição da língua estrangeira, soma muito a ele e dá acesso a diferentes formas de considerar o mundo. Assim, responsáveis pela formação de tradutores têm de lidar com um público-alvo privado dessas oportunidades, e caberá a ele o papel de mediador entre a cultura da língua Y e a cultura da língua para a qual traduz, geralmente sua língua materna.

Se é possível que ocorra num curso de Letras – e esta é a realidade – que estudantes de alemão muitas vezes ingressam na universidade para um curso de Licenciatura Português/Alemão sem ter noções de

língua alemã, num curso de Tradução, contudo, isto não é possível. O conhecimento, ainda que básico, da língua estrangeira, é um pré-requisito indispensável para se cursar Tradução. No que diz respeito à língua alemã, seria ideal que os estudantes tivessem o nível intermediário (correspondente aos conhecimentos exigidos pelo Instituto Goethe para obtenção do diploma *Zentrale Mittelstufe Prüfung*). Caso contrário, corre-se o risco de que a aula de Tradução se transforme numa aula apenas de língua estrangeira. Não que, ao discutirmos determinada proposta de tradução, não possamos explicitar alguns desvios e que, para isto, tenhamos de trabalhar aspectos gramaticais, como por exemplo, *Nebensätze*, *Präpositionalangaben* e *Partizipialkonstruktionen*. A aula de Tradução, contudo, não pode se reduzir a isto.

Da mesma forma que é necessário trabalhar conhecimentos de língua estrangeira, muitas vezes se tem de trabalhar aspectos gramaticais, lingüísticos, de análise textual etc. Na sentença *Jeden Tag stehe ich um 6 Uhr auf*, se o aluno achar que o verbo está na terceira posição, e não na segunda, logicamente por não ter considerado o adjunto adverbial de tempo *Jeden Tag* como um sintagma composto por um pronome e um substantivo, ficará difícil fazer comentários que sejam realmente relevantes para a tradução de um texto (e os textos para aulas de Tradução geralmente não apresentam estruturas tão simples como a indicada).

Não é necessário que o estudante saiba que o termo *adjunto adverbial de tempo* é uma classificação da gramática normativa, nem que o termo *sintagma* está relacionado à gramática gerativa, mas que saiba da *flexibilidade* dos elementos na frase alemã e que consiga encontrar soluções para a tradução desta frase que sejam adequadas à sua intenção primeira de traduzir.

Caberá ao professor de Tradução fazer as discussões acerca dos elementos culturais de um texto, sempre levando em conta o seu contexto. A parte cultural da língua é apresentada aos poucos, à medida que os estudantes entram em contato com textos produzidos na cultura que abriga os textos de partida.

c) Relações entre teorias lingüísticas e Tradução

Iniciaremos aqui uma discussão calorosa: até que ponto é importante para o tradutor o conhecimento de teorias lingüísticas?

Se analisarmos a história da Tradução no Brasil e no mundo, perceberemos que sempre houve e ainda há diversos tradutores que nunca freqüentaram um curso específico de Tradução ou Letras, e que são bons tradutores. Isto derrubaria a tese de que é imprescindível o conhecimento de teorias lingüísticas para o exercício da tradução. Por

outro lado, percebemos também que não só de bons tradutores é constituído este emaranhado de tradutores sem formação específica. E dentre os que possuem formação específica, é menor o número de tradutores mal sucedidos.

A primeira pergunta formulada no início da discussão desse item é que se pretende responder aqui: até que ponto as teorias lingüísticas podem auxiliar o tradutor em seu exercício?

Para não enumerar as diversas correntes lingüísticas, consideraremos aqui *teoria lingüística* como toda e qualquer teoria que se propõe a discutir fenômenos lingüísticos, sejam lá quais forem suas ênfases, pressupostos e critérios.

Partamos do princípio de que a prática tradutória exige do tradutor que ele transite – se possível, de forma natural e espontânea – por pelo menos duas línguas distintas.

Ora, se o trabalho do tradutor é, *grosso modo*, transferir idéias/significados de uma língua/cultura para outra, não há mal nenhum em inserir em sua formação discussões de cunho lingüístico. Isto, sem dúvida, expande os horizontes do tradutor e fornece a ele parâmetros para a elaboração de reflexões sobre decisões de tradução.

O importante é a dosagem. Da mesma forma como afirmamos, no item *Línguas Estrangeiras*, que o curso de Tradução não pode ser transformado em um curso de língua estrangeira, aqui dizemos que o curso de Tradução não pode ser transformado em um curso de Lingüística. No exemplo da sentença alemã no item b (*Jeden Tag stehe ich um 6 Uhr auf*), por exemplo, o conhecimento de teorias estruturalistas da língua (pensamos aqui de forma mais específica no Estruturalismo americano, de Leonard Bloomfield) ajudaria a evitar o problema de *enxergar* o verbo na terceira posição. Mas não é necessário, para o tradutor, saber a teoria de Bloomfield *ipsis litteris* para resolver seu problema, assim como também não é necessário, por exemplo, saber classificar cada tipo de genitivo conforme as classificações de Émile Benveniste (sobre as funções do genitivo latino) para traduzir um genitivo.

Não é conveniente exigir que o estudante de Tradução construa um pensamento empírico sobre as teorias lingüísticas, mas que as conheça a ponto de recorrer a elas para resolver problemas de tradução.

Talvez tenha sido este o fator gerador das maiores polêmicas sobre a “fundação” ou “constituição” da Tradução como uma área científica. Ela utiliza um pouco de cada disciplina – não apenas do currículo de Letras –, mas também de outros, e com isto pode-se ter a impressão de que age na superficialidade. Todavia isto não ocorre.

Some-se a isto que é muito mais difícil transitar pelo desconhecido do que se aprofundar naquilo que já se conhece. Como disciplina interdisciplinar, a Tradução exige a comunicação com outras disciplinas de áreas afins e com outras disciplinas das mais diversas áreas de conhecimento.

A impressão da superficialidade ou da inconstância do tradutor, que visita e re-visita o desconhecido para tirar dele o que necessita para levar a cabo seu trabalho deve ser rebatida com a idéia de Sêneca ao discorrer sobre o método e a ordem dos estudos:

Apes (ut aiunt) debemus imitari, quae vagantur et flores ad mel faciendum idoneos carpunt. Deinde quicquid attulere, disponunt, ac per favos digerunt, et (ut Virgilius noster ait) liquentia mella stipant, et dulci distendunt nectare cellas. De illis non satis constat, utrum succum ex floribus ducant, qui protinus mel sit, an quae collegerunt in hunc saporem, mixtura quadam et proprietate spiritus sui mutant⁵.

Assim deve proceder o tradutor: de cada disciplina, tirar aquilo de melhor para si, que lhe sirva mais adequadamente para produzir sua tradução.

d) Cultura estrangeira

Conforme comentado no item *Línguas Estrangeiras*, a aquisição de uma língua não é tão somente a aquisição de vocabulário e estruturas diferentes daquelas da língua materna, mas também de cultura. Erros gramaticais são geralmente bem aceitos na comunidade alemã. Os culturais são, em sua grande maioria, mal vistos.

Já comentamos que o público-alvo de um curso de Tradução no Brasil não tem, geralmente, a possibilidade de complementar sua formação em língua estrangeira no país de origem da língua, o que de certa forma dificulta o trabalho do responsável pela formação do tradutor. Assim, a transmissão dos valores da cultura que abriga a língua estrangeira fica a cargo dos professores de língua e também dos responsáveis pela formação de tradutores.

A maior prova de que, nos dias de hoje, a concepção de tradução é considerada mais como um processo cultural do que um processo de simples transferência de códigos é a *Skopos* de Reia/Vermeer, que tem influenciado, ao menos no mundo ocidental, a concepção de Tradução/tradução.

A tradução é, sem dúvida, um processo cultural, tanto que a formação de literaturas nacionais (França, Espanha, Alemanha, Itália) está ligada a elas. Percebemos a tradução como processo cultural quando

temos acesso também às formas de tradução indicadas por Goethe e por alguns de seus contemporâneos.

Existe uma diferença – nesta época, a *Aufklärung* – sobre as concepções e tendências da tradução na Alemanha e na França, que tinham, neste último país, segundo o próprio Goethe, o *hábito* de afrancesar absolutamente tudo o que traduziam. Outros, como os alemães, buscavam criar espaços intermediários para a re-leitura de obras advindas de outras culturas. Prevalecem traços adaptativos, sim, mas o “colorido” é mantido no texto de chegada.

Abandonemos, porém, questões referentes à formação de literaturas nacionais e concepções do passado e atenhamos à importância do reconhecimento da cultura estrangeira na formação do tradutor.

Há duas opções sobre as quais devemos refletir: 1) a cultura influencia a forma de expressão e 2) a expressão é reflexo da forma de pensar, ou seja, da cultura de um povo.

Qualquer uma das opções apresentadas leva-nos ao mesmo caminho: o texto em alemão, produzido por um alemão, refletirá a cultura alemã. Para nós, brasileiros, a cultura do outro.

O tradutor, em sua formação, deve aprender a definir a intenção de sua tradução, que pode, mas não deve, impreterivelmente, ter a mesma intenção do texto de partida.

Uma vez definida sua intenção, ele deve analisar o texto e buscar aspectos que venham a causar estranheza em sua cultura. Sua intenção pode ser manter ou não o elemento causador da estranheza.

Para detectar esta estranheza, ele deve conhecer principalmente a cultura da língua para a qual traduz e, igualmente, a cultura da língua de que traduz.

Ilustraremos com um exemplo bastante simples, constante da obra *Methoden des fremdsprachlichen Deutschunterrichts*, de G. Neuner e H. Hunfeld que, num primeiro momento, não traria problemas para a tradução. Vejamos:

a) *Komm doch mal vorbei!*

Esta sentença poderia ser, *grosso modo*, traduzida por *Passe em casa qualquer hora* (traduzindo-se aqui do ponto de vista pragmático). O problema aqui é se *Komm doch mal vorbei* significa, realmente, que o receptor da frase deva *dar uma passadinha* na casa do emissor.

Como alguém diz para outro lhe visitar, sem sequer dar o endereço ou telefone? Seria mera formalidade de alguma situação específica?

Suponhamos que o receptor saiba onde o emissor mora. E mais: que o emissor seja alemão e que o receptor seja latino-americano. O

receptor, sentindo-se convidado, visitará o emissor sem avisá-lo previamente. E o receptor dirá a ele que não tem disposição para recebê-lo naquele momento, desculpando-se por isso e propondo que se encontrem numa próxima vez em uma lanchonete.

Não há aí, para o estudante brasileiro de língua alemã, problemas na tradução da expressão, mas o aspecto cultural representado por ela realmente não significa o que está dito. Não se trata de falta de educação ou frieza. É simplesmente um aspecto cultural.

Este exemplo bastante simples indica, por exemplo, o que se deve levar em conta na formação do tradutor: que ele saiba identificar nuances de cunho cultural no texto e que as reproduza de acordo com a intenção de sua tradução.

Se traduzirmos um romance ou um texto narrativo para uma faixa de público do Brasil em que se faz um convite para uma visita e que, em seguida, há recusa de receber essa visita, o leitor – desavisado porque não tem a obrigação de conhecer a cultura alemã e cuja motivação à leitura seja talvez apenas o entretenimento – ou julgará o povo alemão grosseiro ou o tradutor ineficiente... Não há texto em que o aspecto cultural não esteja presente.

Cabe aos responsáveis pela formação de tradutores que proponham discussões e debates sobre o entendimento do texto e que explicitem tais questões antes mesmo de os estudantes realizarem a tradução. É possível também deixar que os estudantes façam uma primeira tradução e, na primeira correção, em conjunto, fazer observações referentes ao aspecto cultural do texto.

e) Tradução de textos técnicos

Já falamos, na *Introdução*, a respeito do mercado de trabalho e das possibilidades de atuação do tradutor. O mercado para tradutores brasileiros, principalmente num centro grande e internacional, como São Paulo, oferece diversas possibilidades de trabalho. Como um grande centro industrial, de bancos e com presença marcante de estrangeiros, os trabalhos para tradutores são, geralmente, em áreas técnicas. Exige-se do tradutor, assim, um conhecimento específico, que deveria, ao menos teoricamente, ser-lhe propiciado durante sua formação.

Não seria possível, por extensa que fosse a carga horária de um curso de formação de tradutores, torná-los aptos ao trabalho em toda e qualquer área técnica. Nem mesmo os professores de Tradução teriam condições para preparar um material que abrangesse todo o vocabulário técnico de uma língua.

Não se pode esperar que um estudante de Tradução, ao término de sua formação, esteja preparado para traduzir textos de Engenharia, Odontologia, Psicologia, Filosofia etc. sem muito trabalho e muita pesquisa.

Não é possível conhecermos o vocabulário das mais diversas áreas sequer em nossa língua. Menos ainda numa língua estrangeira, com todas as suas correspondências em português. A falta de material adequado dificulta ainda mais o trabalho do tradutor. Geralmente, os dicionários técnicos privilegiam o par de línguas alemão-inglês, e o tradutor – para entregar o trabalho no prazo estipulado, geralmente muito curto – deve recorrer a outros dicionários (inglês-português), acabando, assim, por realizar uma tradução às vezes aproximada, já que os preceitos se alteram de língua para língua e mesmo dentro de uma única língua (como é o caso de medidas e termos técnicos da Química no inglês dos EUA e da Inglaterra). Há ainda os problemas terminológicos: há termos consagrados aos quais o tradutor não tem acesso.

O que se sugere é que, na formação dos tradutores, seja fornecido a eles o maior número possível de obras de referência, dentre elas dicionários bilíngües, monolíngües e multilíngües, conforme o caso, e que se trabalhem textos técnicos de áreas as mais distintas. A consulta a dicionários, por incrível que pareça, não garante uma boa qualidade da tradução.

O responsável pela formação deverá ainda incentivar os estudantes à pesquisa do tema, à busca de material daquela área produzido em língua portuguesa etc. Através da pesquisa e do contato com textos da mesma área – produzidos em português ou traduzidos para o português – o estudante terá condições de traduzir com mais segurança. É imprescindível que o tradutor estude aquilo que está traduzindo, que busque informações com pessoas da área, que procure em bibliotecas, em *sites* específicos etc. Este hábito de estudo e de pesquisa deve ser desenvolvido durante a formação do tradutor, pois se ele não o fizer posteriormente, no mercado de trabalho, suas traduções estarão fadadas ao erro (e conseqüentemente, ao fracasso), e ele perderá, assim, a chance de sobreviver de seu trabalho.

Textos técnicos são sempre um problema nos cursos de Tradução, pois exigem também do responsável pela formação dos tradutores um conhecimento de áreas distintas de sua área de formação, como, por exemplo, Química, Engenharia Elétrica, Engenharia de Produção, Odontologia, Veterinária.

Não devemos desconsiderar, ainda, que mesmo os textos técnicos estão ligados a condicionantes culturais, ou seja, a cultura do outro está presente também neste tipo de texto. A impressão que se tem des-

tes textos – mais objetivos, pragmáticos, informativos apenas – de que não possuem marcas culturais, é errônea. Para a consideração da presença de aspectos culturais na tradução de textos técnicos, recomendamos a leitura da obra *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais*, de João Azenha Junior.

De preferência, o responsável pela formação de tradutores deve trazer para as aulas textos técnicos de áreas que sejam, de alguma forma, interessantes aos alunos. Despertar o interesse dos estudantes por determinado tema é a primeira condição que garantirá a pesquisa deste tema como parte integrante do processo tradutório como um todo.

Considerações finais

Indicamos, no desenvolvimento de nosso texto, alguns pressupostos que consideramos os mais importantes para a formação do tradutor, e apontamos, de uma forma menos sistemática, condições e possibilidades de sua atuação no mercado.

Apontamos ainda que, para a escritura de nosso texto, consideramos o tradutor de alemão para o português.

Vimos que a formação do tradutor é, na verdade, o desenvolvimento de várias habilidades, informadas em cada um dos pressupostos apresentados na parte central deste texto. Num curso de formação de tradutores, não é necessário que estas habilidades sejam sistematizadas e normalizadas em etapas diferentes. Pelo contrário, uma formação geral e que exige a cooperação de várias outras disciplinas, além de comentários que extrapolam o que se consideraria uma formação ligada apenas ao curso de Letras, deve ser feita simultaneamente. Ou seja, não é necessário, na formação de um tradutor, que ele aprenda a lidar primeiramente com estruturas da língua portuguesa, então com língua estrangeira, apenas depois com aspectos culturais e assim por diante. O trabalho enfatizado, em nossa opinião, deve ser a prática tradutória. A partir dela – com a intenção de otimizar o processo tradutório – é que se define o que deve ser buscado no interior de outras disciplinas, afins ou não. Assim poder-se-á garantir ao estudante de Tradução que ele desenvolva uma percepção mais aguçada para a prática tradutória. Aprofundamentos teóricos para os que desejam se tornar teóricos da Tradução devem ser oportunizados também no curso de formação de tradutores. A intenção primordial, no entanto, é formar tradutores, e não teóricos da Tradução. Assim, o acesso a aprofundamentos de teorias filosóficas, lingüísticas e literárias deverá ocorrer apenas quando tiver utilidade prática para a solução de impasses na tradução que se realiza.

A consciência da necessidade de pesquisa, de investigação, de correções, de revisões etc. é indispensável ao tradutor.

Para encerrarmos essas breves reflexões sobre os pressupostos para a formação e atuação do tradutor, citaremos Henschelmann (apud Kapp, 1984, p. 77):

(...) Schließlich soll die Ausbildung den künftigen Übersetzer dazu befähigen, sich zweckgerecht zu informieren und zu dokumentieren, Sprachmaterial sachgemäß und systematisch aufzubereiten sowie die einschlägigen Hilfsmittel sachkundig und kritisch zu benutzen⁶.

Notas

1. Não obstante os progressos das últimas décadas, a Tradução ainda luta por sua identidade e por sua relação com as disciplinas afins [tradução minha].
2. Por trás da crítica negativa está, na maioria das vezes, a discrepância entre os conteúdos da formação e as exigências múltiplas e muito específicas da prática, que se alteram constantemente [tradução minha].
3. As possibilidades de se exercer a profissão de um tradutor, de vivenciar o dia-a-dia do tradutor, dependem, logicamente, da necessidade. O tradutor está relacionado à extensão, ao idioma, à importância e às relações internacionais e à filiação a instituições supracionais etc. de seu país. Fatores pessoais, como a mobilidade dentro de seu país, disposição para trabalhar e impor-se no exterior, entretanto, também são importantes [tradução minha].
4. O talento para línguas deveria mostrar-se, além disso, – num sentido mais abrangente – na língua materna: na elegância, habilidade na concisão da expressão, na sensibilidade ao estilo, na capacidade de ampliar constantemente o conhecimento de língua através da experiência, da observação e da imitação, o que presume, em contrapartida, um interesse vivo pelas mais diferentes formas de expressão (e não apenas as informações transmitidas através delas). O impreterível conhecimento seguro da língua materna é, por isso, de importância tão fundamental, pois durante a formação, a língua materna é constantemente trabalhada como ponto-de-referência, seja como língua de partida ou de chegada, e porque na prática profissional posterior predomina, na maioria das vezes, a tradução na língua materna [tradução minha].
5. Devemos, como dizem, imitar as abelhas, que voam de um lado para outro e sugam as flores adequadas à produção do mel e, então, ordenam e distribuem em favos aquilo que acumularam. Como diz nosso Virgílio: elas apertam o mel líquido e dilatam os alvéolos com néctar doce. Não é certo se elas tiram das flores um líquido que já é mel, ou se elas dão este gosto àquilo que acumularam através de uma certa mistura e da peculiaridade de sua respiração [tradução minha].
6. Por fim, a formação deve capacitar o futuro tradutor a se informar e documentar de forma adequada, a preparar apropriada e sistematicamente material lingüístico e bem como a utilizar os recursos auxiliares com profissionalismo e espírito crítico [tradução minha].

Referências

- Azenha Jr., João. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais – Primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1999.
- Henschelmann, Käthe. *Die Ausbildung des Übersetzers*. In: KAPP, Volker (Hrsg.). *Übersetzer und Dolmetscher – Theoretische Grundlagen, Ausbildung, Berufspraxis*. München: UTB-Francke, 1984.
- Neuner, Gerhard und Hans Hunfeld. *Methoden des fremdsprachlichen Deutschunterrichts – eine Einführung*. Kassel: Langenscheidt, 1993.
- Schmid, Annemarie. *Übersetzerausbildung und Übersetzeralltag*. In: Snell-Hornby, Mary (Hrsg.). *Übersetzungswissenschaft – eine neue Orientierung – Zur Integrierung von Theorie und Praxis*. Tübingen: Francke Verlag, 1986.
- Seneca. *Epistola Senecae de ratione atque ordine studij*. In: Melanchton, Philipp. *Elementa rhetorices (Grundbegriffe der Rhetorik) mit den Briefen Senecas, Pliniusd.J. und den Gegensätzlichen Briefen Giovanni Picos della Mirandola und Franz Buchards*. Herausgegeben, übersetzt und kommentiert von Volkhard Wels. Berlin: Weidler Buchverlag, 2001.